

C B
H A

40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

Realização



Co-realização



Universidade
Federal de
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

Diretoria do CBHA (2020-2022)

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo (2020-2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

Imagem da Capa

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: cbha.secretaria@gmail.com

Hanna Levy e a questão da “raça” nos escritos de Jacob Burckhardt

Daniela Pinheiro Machado Kern, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ CBHA

Resumo

A presente comunicação pretende explorar como Hanna Levy, historiadora da arte judia e alemã, em 1936, em sua tese de doutorado intitulada *Henri Wölfflin: sa théorie, ses prédécesseurs*, iria com precocidade proceder, em sua análise das teorias da história de Jacob Burckhardt, a uma crítica ao racismo, crítica com relevantes aspectos políticos e históricos, como se intenta pontuar aqui.

Palavras-chave: Historiografia da arte. Racismo. Teoria da arte.

Abstract

This paper explores how in 1936 Hanna Levy, an art historian of Jewish and German origin, in her doctoral thesis entitled *Henri Wölfflin: sa théorie, ses prédécesseurs*, would precociously proceed, in her analysis of the theories of the history of Jacob Burckhardt, to a critique of racialism, criticism with relevant political and historical policies, as I intend to point out here.

Keywords: Art historiography. Racism. Art theory.

Em seu seminal livro *Histoire de l'Art: une discipline à ses frontières*, mais especificamente no capítulo intitulado *Nord-Sud: Du nationalisme et du racisme en histoire de l'art*,¹ o historiador da arte francês Éric Michaud começa a montar seu argumento sobre a presença do racismo na escrita da história da arte questionando por que André Chastel, na comunicação *L'art du monde: le problème des "universaux"*, apresentada no XXVIth International Congress of the History of Art, ocorrido em Washington em 1986, não havia se afastado da tradicional polarização entre Norte e Sul na arte europeia e procurado outros caminhos de análise, uma vez que é sabido que essa dicotomia ampara-se também em bases racialistas. Hanna Levy, colega de doutorado de André Chastel e também orientanda, como ele, de Henri Focillon, iria em sua tese de doutorado procurar escapar a essa armadilha racialista ao analisar em autores como Wölfflin e Burckhardt a presença de estereótipos raciais que seriam um dos tantos pontos de fragilidade de suas respectivas teorias da arte.

Ainda que a tese de doutorado de Hanna Levy seja, ao fim e ao cabo, sobre a teoria de Wölfflin, cabe destacar que ela concede grande espaço ao pensamento de seus predecessores, entre os quais Jacob Burckhardt, cujos escritos sobre história e história da arte ela irá analisar detidamente, e é especificamente sua análise dos escritos de história de Burckhardt que irá me interessar aqui.

Hanna Levy deixa claro, em sua tese, que seu propósito último é preparar terreno para o estabelecimento de uma nova disciplina, a sociologia da arte. Para tanto, é preciso revisitar a historiografia germânica da arte e recuperar suas principais ideias, sob uma luz crítica, alimentada pela perspectiva marxista da autora. A quase totalidade dos autores que Hanna Levy analisa em sua tese abraçou teorias racialistas em seus textos. Riegl, que consta em sua bibliografia, é um bom exemplo de autor que se vale de teorias racialistas para estruturar a própria teoria da história da arte. Thomas DaCosta Kaufmann se debruçou sobre esse caso, e concluiu que

No entanto, mesmo descartando julgamentos e uma abordagem da história que parecesse baseada em preconceitos estéticos, Riegl empregou conceitos de constantes regionais ou nacionais que também se baseavam em estereótipos, e pode insinuar tais preconceitos na escrita da história. [...]. Além disso, as noções de Riegl de diferenças nacionais e de evolução histórica eram claramente baseadas em certos pressupostos raciais, comuns em sua época, segundo os quais as nações da Europa incorporavam diferenças raciais.²

A crença em raças estáveis e homogêneas estaria no âmago de boa parte da historiografia da arte europeia até meados do século XX, como argumenta Éric Michaud:

¹ MICHAUD, 2005.

² KAUFMAN, 2002, p. 72-73. Tradução da autora.

En se donnant pour tâche de décrire les objets produits par des peuples présumés homogènes et demeurant de siècle en siècle toujours identiques à eux-mêmes, elle a voulu faire de ces objets les témoignages irréfutables de cette identité et de cette homogénéité. C'est à cette fin qu'elle a forgé ses concepts, ses outils de lecture et d'interprétation qui ont survécu à l'effondrement de leurs pré-supposés.³

Como disse Michaud, o próprio instrumental de análise de muitos historiadores da arte europeus desse período foi forjado com base no racismo. Hanna Levy não esteve exposta a essas teorias apenas quando pesquisou a historiografia germânica da arte para sua tese. Está bem documentado que no curto período em que cursou o Doutorado na Universidade de Munique, entre 1932 e 1933, foi aluna de Wilhelm Pinder, historiador da arte nacionalista, defensor de teorias racialistas e também nazista. A atuação de Pinder no período é bem resumida por Dogramaci e Wimmer:

Wilhelm Pinder konnte nach 1933 seine Karriere in München ungehindert fortsetzen und wurde 1935 nach Berlin auf den innerhalb des Reiches prestigeträchtigen Lehrstuhl für Kunstgeschichte an der Friedrich-Wilhelms-Universität berufen (vgl. Held 2003, S. 19). Er gehörte zu den Apologeten der nationalsozialistischen Ideologie und propagierte Rassismus sowie den politischen Begriff des Lebensraumes in Wort- und Schriftbeiträgen. Dies zeigt sich an Texten wie *Die Kunst der deutschen Kaiserzeit* (Pinder 1935) und an politischen Beiträgen zur Festigung der nationalsozialistischen Herrschaft: Im Jahr 1933 gehörte Pinder, neben Martin Heidegger und Ernst Ferdinand Sauerbruch, zu den elf Autoren, die sich in dem *Bekanntnis der Professoren an den deutschen Universitäten und Hochschulen zu Adolf Hitler und dem nationalsozialistischen Staat* nicht nur mit ihrem Namen, sondern mit ausführlichen Stellungnahmen zur nationalsozialistischen Führung und ihrer Politik bekannten.⁴

No livro mais conhecido de Pinder, *El problema de las generaciones en la historia del arte de Europa*, de 1926, o autor defende que as raças são entidades separadas, que a europeia é superior, e que a arte em si é um *affaire* europeu. É preciso ser europeu para produzir arte. Ou, em suas palavras,

Este carácter europeo es hoy por hoy un factor “permanente”. Nadie puede dejarlo de lado. Nadie puede, deliberadamente, pensar como un chino o um negro (lo qual ya como mero deseo es un disparate del que Europa debiera avergonzarse); el europeo, aun donde permita que le inspire el Asia oriental o la Polinesia, tendrá que hacer necesariamente arte europeo, tendrá que expresarse dentro de las

³ MICHAUD, 2015, p. 12-13.

⁴ DOGRAMACI; WIMMER, 2016, p. 30.

leyes naturales que rigen las normas del crecimiento europeo. Gauguin es un ejemplo maravilloso de como aun la veneración sentimental de una naturaliza humana extraña, aun la repugnancia por todo lo europeo, encuentra sin embargo uma expresión puramente europea, que supera, en verdad, lo venerado, como objeto de un sentimiento europeo. (Pues ninguna clase de Noa-Noa capacitará a un maori a pintar un cuadro gauguiniano. Para ello, es necesario ser europeo).⁵

Em suma, quando aluna em Munique Hanna Levy teve bastante contato com as teorias racialistas da arte, que ganham ainda mais proeminência na cidade com a ascensão do Nazismo, como explicam Dogramaci e Wimmer: “Nationalsozialistische Ideologie, Antisemitismus und Rassismus konnten an dem Münchner Seminar mit der Machtübernahme Hitlers rasch weitere Verbreitung finden”.⁶

Judia e marxista, Hanna Levy certamente corria perigo se permanecesse na Alemanha. É assim que ainda em 1933 busca exílio na França, e passa a frequentar o Doutorado na Sorbonne, sob orientação de Henri Focillon e Charles Lallo. Focillon atacava várias ideias racialistas no período (ainda que permanecesse preso a algumas delas, contraditoriamente), um posicionamento visto na época como de cunho também anti-fascista. Em sua principal obra, *Vie des formes*, Focillon critica a noção de raças puras, homogêneas, estáveis. Segundo Michaud,

Comme lors de ses disputes de 1932 et 1934 avec l` Autrichien Josef Strzygowski, le plus fanatique des historiens de l` art racistes et qui fut aussi l` ennemi intime d` Aloïs Riegl, Focillon développait dans *Vie des formes* un argumentaire remarquable. Il ne souhaitait pas, disait-il, soumettre une fois de plus à la critique “la vieille notion de race, toujours sujette à confusion entre l` ethnographie, l` anthropologie et la linguistique”. Carl a race n`était ni stable, ni constante et nulle part ne pouvait exister de “conservatoires de races pures”. Il fallait cependant tenir compte de “ces antiques dépôts du temps” auxquels l`art prêtait parfois “un relief étrange”: “Ils surgissent comme des blocs erratiques, témoins du passé, dans un paysage devenu paisible”.⁷

Provavelmente sem um orientador aberto à crítica do racialismo, Hanna Levy teria enfrentado dificuldades em manter alguns pontos-chave de sua tese de doutorado. O fato de haver conseguido defender o trabalho com as fortes críticas ao racialismo que construiu denota que teve receptividade por parte de quem a orientava, e o sentido político que pode ser lido nas entrelinhas não é de pouca relevância: uma historiadora da arte judia e alemã que ataca o racialismo em 1936,

⁵ PINDER, 1946, p. 89-90.

⁶ DOGRAMACI; WIMMER, 2016, p. 31.

⁷ MICHAUD, 2015, p. 139-140.

ano de defesa e publicação da tese, está atacando a própria alma do regime nazista.

Mas passemos à tese em si. Hanna Levy selecionou para análise, na primeira parte da tese, algumas obras de Burckhardt, e aqui vou me deter no que escreve sobre *Les considérations sur l`histoire du monde [Reflexiones sobre la historia universal]*. A estratégia de Hanna Levy é de primeiro apresentar a concepção de história do autor estudado, para então ver como ela se aplica no estudo específico da história da arte. Burckhardt, antes de mais nada, de acordo com Hanna Levy, recusa toda a sistematização histórica e dispersa suas observações teóricas na própria obra.⁸ Não se preocupa com as origens dos fenômenos históricos, e distingue entre raças ativas e passivas:

Burckhardt, de autre part, établit une distinction entre races “actives” et races “passives”. Non seulement il rejette ces dernières de ses considerations, mais même parmi les premières, il écarté tels peuples dont la civilisation n`offre pas um tableau d`une clarté incontestable.⁹

Hanna Levy não chega a investigar a origem dessa divisão entre raças ativas e passivas, mas é provável que Burckhardt, direta ou indiretamente, tenha tido contato com a obra do pesquisador Gustav Klemm, autor de *Allgemeine Cultur-Geschichte der Menschheit* (1843), que distinguia justamente os *Kulturvölker* (povos de raças ativas) e os *Naturvölker* (povos de raças passivas).¹⁰

Ao constatar que Burckhardt desconsidera o “movimento da história do Oriente em direção ao Ocidente”, Hanna Levy entende que o autor possa estar estabelecendo uma disputa teórica com Bachofen e sua teoria do matriarcado.

Hanna Levy procura resumir, a seguir, os povos que Burckhardt também irá deixar de lado em sua obra:

En ce qui concerne l`État, la religion et la culture, qui forment le véritable sujet du livre et dont nous nous occuperons par la suite, Burckhardt circonscrit également ses recherches. Il écarte délibérément la civilisation des races noires et rouges qu`il qualifie parfois de “races de moindre valeur”. Il renonce, de même, à considérer la culture des peuples nomades, comme il écarte plus tard, en parlant des crises mondiales, les invasions primitives, les migrations des peuples etc.¹¹

Se consultarmos o próprio texto de Burckhardt, encontraremos essa dura visão que forma a respeito dos povos não-europeus:

⁸ LEVY, 1936, p. 38.

⁹ LEVY, 1936, p. 39.

¹⁰ Sobre Klemm, cf. TRIGGER, 2007.

¹¹ LEVY, 1936, p. 39.

¿Cuáles fueron las más antiguas formas forzosas del estado? Nos gustaría saberlo con respecto a las gentes de los palafitos, v. gr. Pero la referencia a los negros y a los pieles rojas no nos sirve de nada, lo mismo que la referencia a la religión de los negros no nos ayuda a resolver el problema religioso. Es indudable que la raza blanca y la amarilla han procedido por caminos distintos desde el primer momento y que las razas oscuras no pueden darnos la pauta con respecto a ellas.¹²

Mais do que isso, Burckhardt chega a se questionar se o simples extermínio desses povos não seria uma alternativa válida, pensando aqui especificamente no caso dos nativos norte-americanos:

Lo dudoso y discutible es si se la civiliza interiormente, si la descendência de los dominadores y los bárbaros dominados, sobre todo cuando se trata de razas distintas, presenta ventajas, si no sería más aconsejable el camino de desplazar la barbarie para que vaya agonizando (como en Norteamérica) y si realmente puede decirse que el hombre civilizado florezca en suelo extranjero.¹³

Retomando agora a análise feita por Hanna Levy, outro ponto do pensamento de Burckhardt que chama a sua atenção é o fato de que, para ele, massas não têm papel ativo na história.¹⁴ Ela haveria de escrever no futuro justamente um artigo sobre a representação das massas na história da arte, tema caro ao pensamento marxista.

Ainda sobre a distinção entre raças ativas e passivas por parte de Burckhardt, Hanna Levy estabelece a seguinte leitura crítica:

Le véritable sujet des recherches de Burckhardt se restreint finalement aux races actives, à la considération des trois domaines de l'État, de la religion et de la culture tels qu'ils se présentent chez ces races actives. Au sujet de celles-ci, Burckhardt ne nous dit absolument rien sur leur existence ni sur leur développement; il ne nous en donne aucune définition et ne montre pas davantage en quoi elles se distinguent des races dites passives. Ceci peut s'expliquer par le fait que Burckhardt, encore qu'il ne soit pas explicite, considère l'histoire toute entière sous l'angle de l'histoire de la culture. Ce principe détermine toutes les considérations et tous les jugements de Burckhardt et nous fait aussi comprendre que les “races actives” sont celles qui ont contribué au développement de la culture qu'il confond avec le développement général de l'histoire.¹⁵

Para Hanna Levy, Burckhardt usa frouxamente a distinção entre raças ativas e passivas. Além disso, fica subentendido que para ela tal distinção sequer se

¹² BURCKHARDT, 1961, p. 73.

¹³ BURCKHARDT, 1961, p. 80.

¹⁴ LEVY, 1936, p. 40.

¹⁵ LEVY, 1936, p. 41-42.

sustenta do ponto de vista histórico. De resto, Burckhardt é bem explícito em sua obra quanto à preferência pelas raças ativas, como se depreende do seguinte trecho,

Hay algo, sin embargo, que la mayoría reconoce: el derecho regio de la civilización a conquistar y someter a la barbarie, la qual se ve de este modo obligada a renunciar a sus sangrentas luchas intestinas y a sus usos abominables para someterse a las normas generales de moral de los estados civilizados.¹⁶

Com hábitos “abomináveis”, para Burckhardt Estado e religião não devem ser buscados entre os não-europeus, e de novo o comentário de Hanna Levy deixa implícita sua crítica a semelhante perspectiva:

De même que pour l`Etat, Burckhardt se refuse à voir dans les religions des nègres ou de peuples sauvages, l`état primitif et l`origine de toutes les religions développées. Burckhardt affirme son argumentation sur ce fait que les représentants de ces religions primitives ne sauraient développer spontanément l`esprit (...). Burckhardt considère précisément la religion comme “le déclenchement primitive de l`esprit spontané.”¹⁷

O trecho a que Hanna Levy se refere na obra de Burckhardt parece ser este:

Es cierto que las dotes y las vicissitudes metafísicas de los pueblos son completamente distintas. Aquí prescindiremos completamente de las religiones de las razas menos importantes, las de los negros etc., las de los pueblos salvajes y semisalvajes. Estas religiones son todavía menos decisivas para estudiar los rudimentos de lo espiritual que el estado negro para estudiar los inicios del estado en general. Estos pueblos viven desde sus Orígenes presa de un miedo perene; sus religiones no nos ofrecen siquiera una pauta para juzgar de los comienzos del desencadenamiento de lo espiritual, pues en estos pueblos el espíritu no llega nunca a desencadenarse espontaneamente.¹⁸

Depois de demonstrar que para Burckhardt há raças ativas e passivas, mas que só as primeiras de fato possuem história, religião e Estado, Hanna Levy resume sua crítica ao apontar que para o autor suíço apenas mediante a crença na desigualdade humana é possível haver desenvolvimento cultural, o que ela considera, por evidente, um equívoco, uma ideia sem base histórica comprovável:

Il est intéressant de noter que Burckhardt - qui soutient par ailleurs que l`homme demeure constamment le même et que tous les hommes sont semblables, - souligne que la cause du

¹⁶ BURCKHARDT, 1961, p. 79.

¹⁷ LEVY, 1936, p. 44.

¹⁸ BURCKHARDT, 1961, p. 82-83.

développement historique reside précisément dans l`inégalité des types humains. Burckhardt pose même cete equation: l`inégalité – développement (...). Et il conclut ses considerations sur les changements de la société actuelle et sur la conception modern de l`Etat en ces termes: “La morale de cette histoire est que l`inégalité humaine reviendra un jour à l`honneur”.¹⁹

As críticas de Hanna Levy foram corajosamente levadas adiante em um momento político extremamente tenso na Europa. Enquanto Hanna defendia sua tese em Paris, Goebbels, associando a crítica de arte na Alemanha aos judeus, simplesmente a interdita, como nos relata Michaud:

C`était sur le fond de ce partage qu`Hitler pouvait qualifier la conscience d`"invention judaïque" tandis que le nazisme interdira toute critique de l`Art allemand", parce que cette critique était comprise comme l`action du “pouvoir dissolvant” de l`esprit juif sur l`Incarnation de l`Esprit du Peuple ou de la race. Ainsi, l`interdiction de la critique d`art par Goebbels en 1936 et son remplacement par le simple compte rendu, paraissaient nécessaires à la survie de l`idée nationale incarnée, du dieu allemand devenu Forme.²⁰

Outro ponto de interesse é o fato de apenas um ano após a publicação da tese de Hanna Levy, o etnólogo alemão Julius E. Lips publicar, exilado nos Estados Unidos, uma obra que combatia o racismo e foi tida como um verdadeiro manifesto antifascista, *The savage hits back* (1937). Obviamente tal obra foi muito mal recebida pelos nazistas, que tentaram impedir sua publicação, como nos narra Lips:

A black man`s head, even in an ancient coat of arms such as that of Coburg, was replaced by the Government with a sword and swastika. A wrestling match with a black man in Nuremberg was forbidden by Herr Streicher, and pilloried as a “shame upon the race”, and an “appeal to the lower instincts”. Consequently, an uproar was produced by the simple fact that a Cologne professor had lying in his house a manuscript the theme of which was the criticism of the white race by their coloured brethren. In addition there where among the illustrations portraits of high German military and Governement officials which were the work of blacks, one of the ‘lower races’. The mere possession of the pictures was a crime against the State, how much more criminal the attempt to publish them!²¹

A tese de Hanna Levy, publicada por uma pequena editora, não alcançou nem de longe a repercussão do livro de Lips, ainda que ambos os autores se irmanem, cada um em seu campo, no combate ao racismo. Se tais teorias

¹⁹ LEVY, 1936, p. 48.

²⁰ MICHAUD, 2015, p. 165.

²¹ LIPS, 1937, p. XXV-XXVI.

racialistas logo após o final da guerra caíram em descrédito na etnologia,²² levariam mais tempo para ser questionadas na história da arte, o que reforça o caráter inovador da tese de Hanna Levy para o campo. Hoje autores como Éric Michaud e Thomas DaCosta Kaufmann desmembram as raízes do racismo na historiografia da arte. Kaufmann, em seu artigo sobre Riegl, coloca uma importante questão final, que considera o peso de teorias como as racialistas na própria constituição da história da arte:

Esse artigo procurou sugerir que o problema de desembaraçar a história da arte dos preconceitos estéticos, vislumbrado por Riegl e seus seguidores, abre para uma questão maior e mais antiga: o quanto valores e credos estéticos podem ser desembaraçados de outras noções que também se apoiam em estereótipos" (KAUFMAN, 2002, p. 80).

Hanna Levy pode ter também antevisto essa questão final em sua tese. Seria para ela possível separar as teorias da história e da história da arte tradicionais que ela estudou de suas bases racialistas? A resposta para Hanna Levy, de novo implícita na proposta de constituição da já mencionada nova disciplina, a sociologia da arte, seria, arrisco-me a especular, não.

Referências

BURCKHARDT, Jacob. *Reflexiones sobre la historia universal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

DOGRAMACI, Burcu; WIMMER, Karin. Anfänge und Umbrüche. Hanna Levy am Kunsthistorischen Seminar der Universität München 1932/33. In: BELOW, Irene;

DOGRAMACI, Burcu (Hg.). Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute. München: Edition text + kritik, 2016. p. 27-42.

KAUFMAN, Thomas DaCosta. National stereotypes, prejudice, and aesthetic judgments in the Historiography of Art. In: HOLLY, Michael Ann; MOXEY, Keith. *Art history, aesthetics, visual studies*. Williamstown, Massachusetts: Sterling and Francine Clark Art Institute, 2002, p. 71-84.

LEVY, Hanna. *Henri Wölfflin: sa théorie, ses prédécesseurs*. Rottweil: M. Rothschild, 1936.

LIPS, Julius E. *The savage hits back (1937)*. New York: University Books, 1966.

²² Cf. PRICE, 2007.

MICHAUD, Éric. *Les invasions barbares*. Une généalogie de l'histoire de l'art. Paris: Gallimard, 2015.

MICHAUD, Éric. Nord-Sud Du nationalism et du racisme en l` Histoire de l` Art. In: _____. *Histoire de l'art: une discipline à ses frontieres*. Paris: Éditions Hazan, 2005. p. 49-84.

PINDER, Wilhelm. *El problema de las generaciones en la historia del arte de Europa*.

Buenos Aires: Editorial Losada, 1946.

PRICE, Sally. *Paris primitive*. Jacques Chirac`s Museum on the Quai Branly. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

TRIGGER, Bruce. *A History of Archaeological Thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

Como citar:

KERN, Daniela Pinheiro. Hanna Levy e a questão da “raça” nos escritos de Jacob Burckhardt. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 179-188, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.15>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>